

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 29 DE MAIO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 74.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
História dos sete dias.....	A. REDACÇÃO.
Contos a premio.....	TOB.
Política e políticos.....	G. GAMA.
O enterro.....	A. WOLFF.
Sarah Bernhardt.....	V. F.
Gazetilha litteraria.....	E. ROUEDE.
Sarah Bernhardt (Un songe).....	J. DES. MONTEIRO
A Guitarra de D. Juan, soneto.....	FR. SARCEY.
O piano.....	E. ROUEDE.
O bilboquet.....	TOUCHATOUT.
Sarah Bernhardt.....	J. RIBEIRO.
No Capitolio, poesia.....	ARARIPE JUNIOR.
Infermidades estylisticas	L. M. BASTOS.
Sport.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Nas livrarias dos Srs. Faro & Nunes, Garnier, Laemert; nos cafés da Imprensa e Brazil, e em todas as nossas agencias estão a venda exemplares do supplemento illustrado do n. 73 d'«A Semana», a 200 reis cada um.

Os Srs. assignantes que tiverem direito a premios são rogados a enviarnos o competente sello para a prompta remessa dos referidos premios.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'«A Semana», a 500 réis.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

HISTORIA DOS SETE DIAS (*)

SARAH BERNHARDT

As duas celebridades parisienses, mas também universaes, que mais me faziam pungir o desespero de não poder ir á grande capital do mundo eram — V. Hugo e Sarah Bernhardt.

Hoje, aquelle é morto e esta acaba de chegar ao Brazil.

Comprehendo a anciedade e o enthusiasmo com que grande parte da nossa população correu ao caes e ao mar, indo ao encontro da gloriosa actriz, cujo nome, por uma honra especial e rara fluctuava ás aragens guanabarenses, sob o vasto docel risonhamente azul do nosso formoso ceu, na flammula do mastro grande do *Cotopaxi*. Comprehendo-o porque tambem por esse enthusiasmo e por essa anciedade fui levado a bordo do paquete, impaciente como todos por ver e admirar essa mulher excepcional, essa mulher unica, que, reunindo em seu corpo fragillimo e esbelto todos os talentos da Arte, realiza o mesmo phenomeno do diamante, que em uma de suas pequeninas facetas enfeixa todos os raios do sol.

Ao vel-a, tão simples e tão tranquilla, em sua elegante *toilette* de viagem, passeando os seus languidos olhos « azul escuro, longamente fendidos mas pouco abertos » pelo vastissimo espelho ondulante do Atlantico, lembrou-me rapidamente a vida solar d'essa mulher,—vida cheia de auroras, de refulgencias meridianas e de occasos ruidosos e ephemeros,—recapitulei, num relampago mental, a sua existencia fulminea:—luminosa, retumbante, torturada e angulosa como uma faisca electrica, retalbando o céu com golpes de fogo; e comparando o seu nome de guerra, esse nome extraordinario, imenso, que ha dez annos offusca, sacode, ensurdece Paris e occupa a attenção do mundo, comparando esse nome e essa existencia com a debil, risonba e tran-

(*) Não sei se por saberem que estava para chegar a eminente actriz franceza, os acontecimentos desta magra vida fluminense encolheram-se, retrahiram-se e não se dignaram de fornecer assumpto aos chronistas. De forma que foi Sarah Bernhardt a « historia dos sete dias »; foi ella o assumpto oulminante, o assumpto unico.

Tratar d'ella, portanto, é o dever do historiadór da semana, pois que ella encheu toda a semana.

V. M.

quilla mulber que ali estava sentada numa cadeira de bordo, comendo uvas, cujos bagos negros engastavam-se por um instante na sua « bocca graciosa, de labios rubros e finos, que deixam ver o magnifico e terrivel deslumbramento de alvissima dentadura » (*) como contas de onyx em golpes de coral, exclamei commigo, num grande brado mudo, que ecoou longa e profundamente na vasta solidão do meu espirito:

— Tu não és Sarah Bernhardt, não és unicamente uma mulher de genio. Tu és a grande Força, a creadora omnipotente, a eterna consoladora, a grande, a divina, a sacrosanta Arte!

Salve! Ruido e Luz do espirito, Rebellada sublime, Revolucionaria invencivel e bemdicta, que com o teu fraco pulso de mulher hasteias e plantas o pavilhão do Bello nos escombros fumegantes do mundo em ruinas! Ave, Ars!

É o meu espirito, ante a collaboradora illustre de Shakespeare e de Victor Hugo, ajoelhava-se, extactico, como um sacerdote da velha Hellade ante a belleza impeccavel e varonil de Pallas.

VALENTIM MAGALHÃES

(*) Theod. de Banville—*Camées parisiens*.

CONTOS A PREMIO

A commissão julgadora dos contos do concurso por nós aberto, entregou-nos a classificacão resultante do seu julgamento. E' a seguinte:

— *Primeiro logar*.— O RETARDATARIO: auctor—*Concorrente n. 0*, conto publicado no n. 56 d'«A Semana».

— *Segundo logar*.— CONTO A PREMIO: auctor—*Coronel Marrioni*.

— *Terceiro logar*.— A REHABILITAÇÃO: auctor—*W*.

Os dois ultimos contos premiados, serão publicados proxicamente.

Logo que chegemos a saber quaes os escriptores que se occultaram modestamente sob aquelles pseudonymos, far-lhes-emos entrega dos respectivos premios, publicando os seus nomes.

A REDACÇÃO

O mais seguro meio de cada um amar verdadeiramente a sua patria é amar simplesmente—a sua profissão.

R. ORTIÇÃO

POLITICA E POLITICOS

De ha muito tempo dá-se na nossa politica um phenomeno já hoje incontestavel, e cuja explicação pôde ser dada por maneiras diversas. O Imperador tem influencia certa nos negocios publicos e a sua voz é ouvida e acatada e executada pelos nossos homens de Estado. Muitas vezes nem é necessario Sua Magestade dar o nome aos bois, para que a sua gente saiba o que o Imperador pretende.

E' facto publico e notorio que Sua Magestade, em conferencia de ministros, disse que *não tinha estudado a eleição do 2º districto do Maranhão*, e foi reconhecido o Sr. Domingos da Silva, conservador, contra o conselheiro Almeida Oliveira; é sabido mais—que Sua Magestade disse que considerava o Sr. José Marianno eleito desde o primeiro escrutinio, e não lia quem aposte contra o reconhecimento do deputado pernambucano. Agora é bom vêr o que Sua Magestade *não disse*, e que ainda assim devia ser entendido por aquelles que o cercam.

Sabe-se que muito poucos são actualmente os homens que consagram verdadeira amisade ao Imperador, e aos quaes Sua Magestade publicamente corresponde. O rei está ficando isolado. Ha, porém, em torno de Sua Magestade ainda algumas dedicações, que queremos acreditar sinceras, e entre essas figuram os Srs. Bom Retiro e Paranaçu. Além d'estes viscondes, não conheço outro politico cegamente affecto a Sua Magestade: toda essa gente que o acompanha, desde o veador até o medico, é gente insignificante, que faz consistir a sua submissão nos crachás que a monarchia lhe pode dar. No dia em que elles não poderem mais usar da farda agaloada e das veneras brilhantes, a pessoa de Sua Magestade valerá tanto para elles como um dois de páus; e não seja esta phrase levada á conta de desrespeito ás nossas instituições juradas.

Não é preciso mais para que se comprehenda que Sua Magestade procura ser o mais agradável possível aquelles poucos homens que o veneram particularmente. Assim se explica como Sua Magestade, tão parco de atenções para com os mais eminentes patriotas d'este paiz, tem-n'as dispensado a mancheias aquelles dois viscondes que especificamos, e principalmente ao Sr. visconde de Paranaçu, chegando mesmo a comparecer a uma festa particular de S. Ex.

Seria preciso, pois, que Sua Magestade dissesse que lhe era agradável o reconhecimento do Sr. Doria Genro e do Sr. Paranaçu Filho, para que os seus homens assim o tivessem entendido e fizessem executar? Necessariamente não; isso era a cousa que entrava pelos olhos.

E' verdade que a tal qualificação de Correntes e Parnaguá é uma fraude tão grosseira que entra tambem pelos olhos do menos atilado. O proprio juiz de direito, que qualificou em Correntes 260 eleitores, requereu e obteve a extinção do foro d'este termo—porque não pôde achar em todo elle 50 cidadãos com as condições necessarias para serem... jurados! De quatrocentos e tantos processos eleitoraes d'aquelles dois termos... não ha nem noticia, e para explicar a ausencia d'esses processos o juiz inventou uma historia digna do barão de Munkausen: naufragou n'um rio o estafeta que conduzia esses QUATROCENTOS E TANTOS PROCESSOS NUMA UNICA MALA DE COURO! Só se salvaram do naufragio oitenta e tres processos, e estes estão quasi todos escriptos pela mesma letra—que é a do promotor

publico—e os papeis, apezar de terem cahido n'agua, estão limpos como se sahisses agora mesmo da casa do livreiro!

Tudo isto é exacto, mas não é menos certo que essas eleições já têm sido approvadas para reconhecimento do Sr. Doria, e que Parintins podia ser annullada para reconhecimento do Sr. Paranaçu—o filho e o genro de um dos dois melhores amigos do Sr. D. Pedro II.

Explique estas cousas quem quizer. Será isto o prenuncio da independencia do corpo legislativo, ou será antes a accentuação de um fraccionamento d'esse corpo que já não tem hoje nem ao menos aquella commum solidariedade de obediencia á vontade imperial?

A Camara bem procedeu annullando as eleições de Parnaguá e Correntes, sendo discutivel se bem procedeu reconhecendo o Sr. Jayme Rosa. O mais natural seria mesmo mandar proceder a nova eleição.

Aquella comarca, porém, ficou em condições especialissimas, quanto ao eleitorado, e isto motivou hontem na Camara uma interpeção do Sr. Candido de Oliveira ao Sr. ministro do imperio.

O deputado mineiro discutiu largamente a questão, e o Governo, pela bocca do Sr. ministro, respondeu: que o Governo nada tem que vêr com materia eleitoral e que abster-se-á, como lhe compete, de intervir nesta questão. Os poderes verificadores decidirão como julgarem de direito nas eleições em que concorrerem esses eleitores sobre os quaes versou a interpeção. Ouvida esta sensata resposta do Governo, falaram os Srs. Affonso Celso Junior, Coelho Rodrigues, Alves de Araujo e Bulhões Carvalho.

T' B.

UM ENTERRO

Lá em baixo, na outra margem, agita-se um lenço branco. A barca vae rio acima. Sentados nas suas bordas, os camponezes vão cabisbaixos e tristes, e sobre um banco, no meio, vae o caixão do anjinho todo coberto de rosas e tão bellamente morto que parece que está dormindo.

O cemiterio fica acolá, mais adeante, mesmo á beira da agoa. A barca vae rio acima. Nas pedras verdes das margens choramingam as aguas claras; e o ultimo raio de sol, d'um terno alaranjado, fura atravez da folhagem que faz abobada ao rio, e beija a face ao anjinho, morto tão bellamente no seu caixão todo coberto de rosas.

Os camponezes vão silenciosos e tristes:—Ah! lá em baixo, na outra margem, agita-se o lenço branco, esse pobrelenço branco que deve estar tão molhado!

Muito chegada á terra, por baixo das grandes arvores, a barca vae rio acima. Crianças e raparigas correm a ver o enterro e, da margem, enchem de folhas de rosas, de beminequeres e de cravos a barca que vae seguindo.

E são tantas as raparigas e as crianças que atiram folhas de rosas, de beminequeres e de cravos que o esquite des-

apparece e só fica a face do anjito sorrindo tão bellamente! Os camponezes vão silenciosos e tristes. Lá em baixo, na outra margem, agita-se o lenço branco... e a barca vae rio acima.

GUILHERME JGAMA

SARAH BERNHARDT

Quando, nos tempos futuros, algum grave philosopho escrever uma grossa e pesada obra sobre o estado dos espiritos na segunda metade d'este seculo, elle ha de esbarrar a cada instante com a figura invasora d'esta grande tragica d'esta encantadora mulher. A conclusão será forçosamente esta:

— Esta actriz, que conseguiu que se lhe perdoassem todas as suas extravagancias e que durante tantos annos abusou da gloria parisiense sem fatigal-a nunca, é porque tinha realmente um talento enorme, extraordinario.

ALB. WOLFF.

GAZETILHA LITTERARIA

Dos Srs. Silveira & Guimarães recebemos um prospecto da grande edição de luxo, formato *in-folio*, do notavel romance de José de Alencar—*O Guarany*. Todos sabem que *O Guarany* é uma das melhores obras da litteratura nacional e que, por isso, bem merece ter uma edição como as que os paizes cultos da Europa dedicam sempre ás grandes obras dos seus escriptores primazes.

Esta edição vae ser impressa nas grandes e caprichosas officinas dos Srs. Moreira, Maximino & C. e todos os capitulos do romance serão illustrados por finas gravuras em madeira, o que tornará a obra ainda mais interessante. Além do luxo da impressão, a edição dos Srs. Silveira & Guimarães será prefaciada pelo nosso grande Machado de Assis, o herdeiro virtual de José de Alencar na culminancia das lettras brasileiras.

Esta obra só poderá ser adquirida por assignatura, e para isso os editores resolveram publical-a em fasciculos quinzenaes, o que facilitará a sua aquisição ás muitas pessoas que, tendo muito gosto, têm pouco dinheiro.

Esperamos ansiosamente a grande obra do Mestre.

O romance de Edm. Tarbée — *Bernardo, o assassino* (que aliás devia chamar-se *Bernardo, o innocente*) offerece aos apreciadores do romance genero Montepin agradável e vasta leitura. Pena é que a traducção não fosse mais esmerada.

Muito digno de possuir-se e, principalmente, de ler-se o *Almanach Litterario do Diario Mercantil*, de que nos foram gentilmente offerecidos alguns exemplares pelos seus organisadores, os redactores d'aquelle diario—Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca.

Incontestavelmente não temos tido até hoje muitos almanachs cuja parte recreativa tenha sido organizada com

tanto gosto litterario e tão fino criterio selectivo. Abre o almanach um bem acabado retrato do Conselheiro João Alfredo, acompanhado de extenso artigo biographico por José Avelino.

Ao jornal que tão bellamente se estréia na publicação de almanachs só temos a dizer isto:

— Queira continuar.

V F

SARAH BERNHARDT

(UN SONGE)

Chaque fois que je pense à Sarah Bernhardt, mon imagination abandonne les choses réelles pour se jeter dans un monde tout à fait phantasmagorique.

Elle arrivait hier, et, comme de juste, j'ai battu la breloque toute la nuit.

En ai-je vu des *Fédora* valsant avec des *Ophelia*, et des *Dona Sol* à cheval sur des *Ciacchi*; mais entre les mille hallucinations qui m'ont assailli, aucune ne vaut celle-ci:

Il faisait nuit; la baie de Rio, couverte de peaux de tigres, était éclairée par des esclaves enduits de résine, brûlant mal et fumant beaucoup, tout comme sous Néron; autour de la statue equestre de D. Pedro I (*D. Pedro n'y était pas*) une immense vertigineuse tournait avec une rapidité vertigineuse; cet enorme cercle était formé par: Cesar, Victor Hugo, le Chimborazo, la Venus de Milo, l'Himalaia, Jesus Christ, le colosse de Rhodes, Shakespeare, Michel Ange et son Moïse et enfin par Sarah Bernhardt; et ils tournaient... tournaient...

Les esclaves s'éteignirent, puis tout disparut... Au bout d'un moment je vois Sarah Bernhardt sur le cheval de bronze du premier Empereur s'éloigner au galop, en disant: «Décidément je pars, ça sent trop l'esclave ici.....»

Et la comète de Fabry envoyait un requerimento au palais de S. Christovani pour faire rester Sarah Bernhardt.

EMILE ROUEDE.

27—5—86.

A GUITARRA DE DON JUAN

Lá se esperguiça, languida e dolente, por entre os roseiras a serenada. Impregnou-a o condão de ignota fada dos sensuaes perfumes do Oriente.

Paira como a neblina lentamente pela aragem da noite balouçada... Que crepitar de beijos na ramada! Que soluçar de oudinas na corrente i

As doces peccadoras que condemnas, nos doudos turbilhões, a eternas penas, fugiram, Dante, á vingadora garra.

E as vivas cordas ternamente unidas, gemem nuas, cançadas, doloridas, as arrastadas notas da guitarra...

J. DE SOUZA MONTEIRO

O PIANO

Hoje em dia, bem o sabem, o piano é uma franco-maçonaria, é uma religião.

Todas as nossas mulheres sabem tocar piano e algumas com um grão de *virtuosidade* realmente admiravel.

Uma das cousas que mais me pasmam em a nossa civilização moderna é este respeito universal ao piano.

Elle constitue a parte fundamental da educação de todo o sexo feminino, e a maioria dos homens, mesmo, se querem parecer bem educados, devem saber tocar o seu bocado de piano.

Vejo, com estupefacção mesclada de horror, raparigas que têm uma aluna, passar quatro ou cinco horas por dia a batar nas teclas.

Se ao menos ellas aprendessem piano para dar lições d'elle mais tarde, se fosse um ganha-pão que ellas preparassem para o futuro, teria uma explicação e uma desculpa essa mania do piano.

Mas não; são moças do *high-life* que sacrificam á moda.

E' indispensavel que qualquer meunina seja de primeira força ao piano. Obrigam-na a fazer exercicios durante dez annos, até o dia do seu casamento: — nesse dia ella fecha o seu piano para todo o sempre.

Ha verá nada mais insensato? Ha verá nada mais ridiculo?

FR. SARCEY.

Paris, Abril—1886.

O BILBOQUET

Hoje, que os eruditos e os sabios se occupam de questões ponderosas, tão importantes como as de desencavar a origem dos proverbios e descobrir por quaes combinações de factos e de palavras chegaram os homens a formar phrases tão complicadas como esta: *Gato escaudado de agua fria tem medo*, seja-me licito, a mim,—que não tenho absolutamente a pretensão de encarar as cousas d'este mundo pelo seu lado serio—dizer algumas palavras acerca do *bilboquet*, de sua origem, de sua historia atravez dos tempos préhistoricos, dos seus progressos, e, finalmente, da sua utilidade em o nosso meio intellectual.

Antes de tudo, consintam, caros leitores, que lhes explique o que vem a ser o *bilboquet*, porque é possível que neste bello paiz, em que floresce a escravidão, haja ainda alguém que o ignore.

O *bilboquet* é simplesmente isto: uma bola furada, presa por um barbante a um pequeno pão com uma extremidade pontuda que entra no buraco da sobre-dita bola. Cada vez que, lançada a bola ao ar, se consegue enfiar a ponta do pão no buraco, tem-se vencido a difficuldade d'este jogo.

Isto posto, eu continuo.

Como o está indicando o seu proprio nome, *bilboquet* vem do *volapuk*: — «*bil*, bola, e *boquet*, páosinho para enfiar no buraco da bola.»

Quanto a isto não ha nenhuma duvida.

Sobre a sua origem, não estão os auctores inteiramente de accordo. Segundo Veuilbot, que colloca o «Paraizo terrestre» no lugar onde se acham as pyramides do Egypto, o *bilboquet* servira de innocente distracção ao fallecido Sr. Adão e á sua digna consorte; e facil é de comprovar isto ao ver-se ainda hoje gravados entre os hieroglyphos d'aquelles monumentos pharaonicos *OO* e *II*, servindo os *OO* de bolas e os *II* de cabo do *bilboquet* adamita.

O padre Lacordaire, uma das columnas da igreja romana, não está de accordo com o notavel jornalista ultramontano; julga ser o *bilboquet* um instrumento de supplicio africano, importado como brinquedo pelos nossos primeiros viajantes; suppõe elle, seguindo as narrações de Mackinston e Mickmack, celebres exploradores do seculo VI, que quasi descobriram as nascentes do Nilo, que «se infligia aos criminosos indigenas a pena de enfiar com um pão uma bola atravessada por um buraco que o cacique da tribu atirava ao ar; se o condemnado não a enfiava, afim de lhe fazer comprehender a theoria d'este exercicio—empalavam-n'o. A deducção é logica, porque o pão de empalcação não á mais do que o cabo de um terrivel *bilboquet*.

O celebre pregador accrescenta, como prova, em apoio do que diz, que os *favoritos*, isto é, os *mignons* de Henrique III e o proprio Henrique III eram de rara habilidade no maneo d'este instrumento; é com uma exactidão de raciocinios e uma surpreendente pureza de linguagem que, de deducção em deducção, elle chega a provar a analogia que existe entre os *mignons* da victima de Jacques Clement e o *bilboquet* africano...

A idade média quasi nada nos diz sobre o *bilboquet*. As cruzadas, de um lado, e as discussões theologicas, do outro, absorvem toda a attenção d'esta epocha feudal; todavia encontramos num manuscripto, existente na cathedral de Tours,—que Bernardo Palissy quebrou uma das suas mais bellas *faïences* deixando cair a bola do seu *bilboquet*.

Com a Renascença o *bilboquet* realquire o seu antigo prestigio; encontramol-o nos *ateliers* dos pintores mais afamados—Perugino, Guercino, Vinci e Raphael Sanzio eram de muita força; e é fora de duvida que foi examinando a bola do seu *bilboquet* que Miguel Angelo achou a imponente forma da cupola de S. Pedro de Roma.

Além d'isso lê-se na *Revista das Bellas Artes* da epocha, que se acha nos archivos secretos do Vaticano, o seguinte entrelinhado:

«*Sancti Petri Vaticanis in Romæ ecclesie cimborius magnificus sani esset si fosse originalis seu auctoris Michaelis Angelici; porém, o tal cimborii ideam primordiale foi com certeza inveni architectus contemplando seu bilboqueti bolam.*» Isto é claro e convincente....

Não tenho a pretensão de fazer os meus leitores seguirem o *bilboquet* atravez das edades antigas e modernas; não! Sómente, antes de terminar este resumo historico, dir-lhes-ei:

—que foi deixando cair sobre um dos seus calos a bola do seu *bilboquet*, que Newton descobriu as leis da gravitação; e não, vendo cair uma maçã da arvore, como affirmam certos auctores mal informados; que, para demonstrar o movimento rotatorio da Terra, Galileu se serviu da bola d'este instrumento; e, enfim: que a Terra não é, talvez, senão a bola de um immenso *bilboquet* cujo cabo o Padre Eterno segura, o que pode explicar muitos phenomenos ignorados até hoje.

« Cada vez que o Creator errasse o buraco do *bilboquet*, a terra experimentaria um abalo, e isso explicaria de um modo simples a causa dos tremores de terra.» (1)

A historia moderna d'este delicioso passatempo tem sido tratada por sabios de grande merito para que eu acrescente aos seus trabalhos a menor das considerações; Littré e Augusto Comte nas suas obras intituladas: «Da influencia do *bilboquet* sobre o temperamento dos povos latinos» e «Do *bilboquet* considerado como agente do desenvolvimento da intelligencia humana» disseram tudo quanto se podia dizer sobre este assumpto. Tambem não faço mais que trasladar do que elles disseram alguns fragmentos de uma observação justissima.

Diz Littré: « O jogo do *bilboquet*, paralyzando o movimento molecular do encephalo e abalando o principio da força bruta do organismo, produz um repouso á intelligencia e dá-lhe novos poderes creadores.»

Ouçamos A. Comte: « O repouso intellectual occasionado pelo exercicio do *bilboquet* é uma causa positiva do renouamento das idéas e da sua profundeza.»

E ainda, noutra logar: « O buraco da bola de um *bilboquet* é o objectivo do cabo, assim como a emissão da idéa mãe não é mais que o objectivo do homem, considerado este como cabo de um *bilboquet* cuja bola seria a cabeça.»

... Sim, caros leitores; quando vos virdes atrapalhados para escrever um artigo (como este, por exemplo) ou com um qualquer trabalho intellectual e que experimentarídes difficuldade em fazer produzir a vossa musa; empunhae o *bilboquet*, joga-o durante meia hora e vereis as idéas affluirem com maravilhosa rapidez.

Quantas vezes vi eu em Pariz, em casa de Meissonnier, seus discipulos Ruiperez, Escosura, Zamacois e outros tirarem os melhores effeitos de colorido para os seus quadros de *genero* da bola dos seus *bilboquets*!

Quem hoje ignora que as mais bellas paginas de Chateaubriand (que era um forte *bilboqueteiro*) são devidas ao seu *bilboquet*? e, emfim, sem ir tão longe, aqui, no Rio, n' *A Semana*!?

Porque é ella lida, apreciada e estimada por todos? E' claro como agua: ide á redacção e vereis de vez em quando um dos seus redactores abandonar a penna e tomar o *bilboquet*; vereis Valentin Magalhães procurar uma palavra, uma phrase, um termo, impacientarse e acabar por fazer alguns *passes de bilboquet* e assim achar as idéas novas que lhe faltavam.

Sabei, emfim, que os mais bellos versos do Filinto d'Almeida sahem do buraco do seu *bilboquet*.

Agora ficam todos conhecendo a causa do successo d' *A Semana*.

Seja-me permittido terminar este artigo do modo porque o fazem os eruditos:

O dia em que o *bilboquet* for um instrumento universalmente conhecido será o do advento do reinado da intelligencia sobre a materia.

E. ROUEDE

(1) L. Figuiet — *Du bilboquet avant la création du monde.*

Quando um amante saciado principia a esgaravatar solecismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os effeitos.

CAMILLO C. BRANCO

SARAH BERNHARDT(*)

(TRADUÇÃO DE V. MAGALHÃES)

Artista dramatica franceza, nascida em..... a.... de 181.....

Estas duas lacunas não de parecer sem duvida aos leitores muito exquisitas e, sobretudo, muito lamentaveis. Deploramol-as tanto como elles; mas resta-nos a satisfação da certeza que temos de que, quanto ao logar e á data do nascimento da encantadora pensionista da Comedia Franceza, nenhum outro biographo está mais bem informado que nós.

Explicuemos porquê. Na epocha em que Mlle. Sarah Bernhardt devia ter vindo ao mundo—1814.mais ou menos (2)—sua mãe viajava frequentemente, e a criança era tão pequena, tão pequena, que ella deu-a á luz.... sem sentir.

Foi somente algum tempo depois, quando o corpo da menina tomou mais alguma consistencia, que sua mãe deu com ella, vendendo-a pela primeira vez, uma manhã, a brincar dentro de um dos seus agulheiros, e ponde ir fazer á *mairie* as declarações legaes, excepto as de logar e dia do nascimento, que ella não poude precisar.

Sabe-se pouquissimo da sua infancia. Apenas que era muito intelligente e que desde cedo revelou vivas disposições para o theatro.

Muito travessa, não gostava de ficar nos quartos. Varias vezes, apezar de seus paes a fecharem á chave, ella conseguiu escapar-se. Foi preciso calafetar as fechaduras e as fendas das portas.

Sarah Bernhardt estreiou-se no Gymnasio, onde foi desde logo notada pelo encanto e pela distincção da sua pessoa.

Em breve era geralmente considerada a actriz mais fina de Pariz.

Em 1862 Sarah Bernhardt appareceu na Comedia Franceza, em que representou, com successo, *Ephigenia* e *Valeria*. Foi curta a sua passagem pela rua Richelieu.

Pretendem alguns auctores que nessa epocha a sympathica actriz, que era de constituição delicada, tivesse tido, e em pouco tempo, varias *fluxions de poitrine*, mas é opinião geral que—*il ne lui en est rien resté.*

Uma d'essas doenças poz em perigo a sua existencia. Os jornaes annunciaram que ella estava presa de um violento delirio; mas o *Tintamarre* tranquillizou os amigos da joven artista, assegurando que ella, espirital como era, so podia ser atacada de uma especie de delirio: — o *delirium tremens*. Effectivamente, em pouco estava restabelecida e voltava ao theatro.

Durante dez annos, fez numerosas e brillantes creações no *Odéon* e no Gymnasio. No *Odéon*, sobretudo, conquistou uma grande reputação, interpretando, com equal felicidade, os papeis do repertorio antigo e do repertorio moderno. *Phedra*, *O testamento de Cezar Girodot*, *O rei Lear*, *O drama da rua da Paz*, *O bastardo*, *Ruy Blas* foram para ella outros tantos triumphos. Mas foi *Le passant*, peça de Coppée, que a poz definitivamente em relevo—nunca o publico a tinha visto assim.

A 6 de Novembro de 1872, Mlle. Sarah Bernhardt reentrou, de vez, para a

(1) Deixámos na lingua original todas as phrases intencionaes, com trocadilho ou *calenbourg* por não ser possivel traduzil-as e não desejar-mos que se perdessem.

(2) Acreditmos que muito menos do que mais.

Comedia Franceza; mas, d'esta vez, pela grande porta. Teria passado por ella, muito á sua vontade, se não levasse consigo um talento e uma reputação já enormes. Com tal bagagem a porta foi apenas — justa.

Desempenhou naquelle palco, com uma graça original, o papel de Junia em *Britannicus*, e— contraste inaudito! —mezes depois, alcançava um verdadeiro successo no imperioso papel de Dalila.

Em meados do anno de 1873 Mlle. Sarah Bernhardt teve um grande desgosto. Um cãozinho havanez, seu, que ella muito estimava, deixou-a, indo refugiar-se em casa do Sr. Dumaine. Era verão, o sol estava ardentissimo: Mlle. Sarah Bernhardt tinha o costume de ir passear todos os dias, ao meio-dia, nos Campos Elyseos, com o seu cãozinho. Ora Mlle. Sarah Bernhardt não fazia bastante sombra ao pobre animalzinho. D'ahi a sua fuga, que, como já dissemos, entristeceu profundamente sua dona.

Ella encerrou-se em casa por espaço de mais de seis mezes, durante os quaes recusou-se a receber quem quer que fosse. Se alguma visita importuna conseguia forçar a entrada, tinha a actriz um meio de, ainda assim, escapar-lhe: enfiava-se em uma capa de guarda-chuva e conservava-se encostada a um canto, immovel, esperando que a visita, depois de ter inspecionado a antecamara, se convencesse de que ella ali não estava e batesse em retirada.

Um dia descia Mlle. Sarah Bernhardt de sua casa, quando ouvio subir as escadas uma de suas amigas, que vinha vê-la. Como escapar-lhe? Encontrada na escada, não poderia impingir a péta de haver sahido! De repente, teve uma inspiração.... Arrancou vivamente o cordão da campainha da porta, dependurou-se no logar d'elle e esperou.

A amiga chegou, agarrou com uma das mãos Mlle. Sarah pela cintura, fez soar a campainha sem dar pela substituição do cordão, e entrou, emquanto lhe dizia a criada: «*Admira-me quando tenha encontrado minha ama na escada.*»

Uma criação que valeu á deliciosa artista os elogios unanimes da imprensa foi a de *L'Absent*, de M. Manuel.

Ella fazia admiravelmente esse typo tocante de joven viuva. A melancolia, a voz um pouco triste, mas penetrante e harmoniosa — a honestidade... tudo, emfim, que Mlle. Sarah Bernhardt possui de encanto, de doçura, de persuasão, achou naquelle delicado papel a mais feliz das molduras.

A encantadora actriz não tem menos espirito do que talento, e disso deu varias provas.

E' sabido que durante muito tempo o *Tintamarre*, com uma irreverencia quasi escandalosa, fez o que se chama uma *serra (scie)* a Mlle. Sarah Bernhardt a proposito da sua... esbelteza.

Todos os domingos... era aquella certeza.... o *Tintamarre* trazia a seu respeito uma duzia de dictos — pelo menos — alguns dos quaes bem pouco engraçados, por signal.

Um dia, por exemplo, dizia: *Mlle. Sarah Bernhardt é uma excellente camarada: não faz sombra a ninguém.*

E mais esta: «*Depuis que Mlle. Sarah Bernhardt est allé consulter son docteur à propos d'un peu de bronchite, ses camarades ne l'appellent plus que l'os sculpté.*»

No domingo seguinte annunciava *Tintamarre* que «Mlle. Sarah Bernhardt, passando na calçada da rua Vivienne, desapparecera, de repente, pelo orificio da chapa de um esgoto.» e, pouco de-

pois, que «o ponto do Theatro Francez a tinha atirado ao chão *soprando* um pouco mais forte.»

Briollet chegou a dizer «que uma noite ella havia escapado a quatro malfeitores que não tinham conseguido *lui mettre le couteau sur la gorge.*»

Dentro em pouco taes gracejos tornaram-se insupportaveis; a tal ponto que alguns amigos de Sarah, admirados de que ella os aturasse, aconselharam-lhe que procurasse por-lhes um paradeiro. Ao que ella retrucou com esta nobre e espirituosa resposta: *Laissez faire les petits journaux. Je ne suis pas une femme qu'on veze.*

Das creações importantes de Sarah Bernhardt uma das ultimas é o seu papel no *Sphinx*, em que foi admiravel pela extrema doçura e energia com que o representou.

Pode-se dizer que, á parte a agonia ruidosa de Mlle. Croizette — que foi mais o que se chama um *pétard* de que um successo de talento — couberam a Mlle. Sarah Bernhardt as honras d'essa peça.

Nos dramas *Fille de Roland*, de H. Bornier e *Rome Vaincue*, de Parodi, obteve ella novos successos.

Emfim, a sua creação de Dona Sol, no *Hernani*, levou ao cumulo a sua immensa reputação.

A exposição do balão captivo, no pateo das Tulherias, em 1873, augmentou a sua popularidade.

Ella fazia regularmente tres e quatro ascensões por dia, tendo concluido com o director d'aquelle aerostato um singular arranjo.

Sabe-se que aquelle balão apenas podia levar quarenta pessoas em cada ascensão. Mas, quando ella estava presente, elle suspendia mais uma pessoa, pois tambem se fazia embarcar a eminente actriz — para annullar o peso do quadragesimo primeiro viajante.

O que, porém, deveras intrigava os papalvos é que nunca a viram entrar na barquinha pela plataforma para osse fim destinada: — é que ella subia sempre por uma escadinha especial que o director lhe tinha mandado arranjar no interior do cabo que prendia o balão.

Mlle. Sarah Bernhardt fez tambem uma ascensão em balão livre — o que não fez subir o preço do gaz. Em seguida a essa viagem, publicou um livro encantador, que intitulou «*Impressões de uma cadeira.*»

Esta cadeira era a em que a graciosa actriz estava assentada durante o trajecto. *Inutile de dire qu'elle n'était pas cannée.*

Recentemente, deixou a Comedia Franceza, de que era socia, em seguida ao que se costuma chamar — uma *cabçada*, que mereceu geraes censuras.

Foi condemnada á indemnisação de cem mil francos, que ella foi ganhar na America, onde a cobriram de ouro — *ce qui n'est pas assés.*

Attribuem-lhe muitas excentricidades; entre outras a de dormir em um esquite que, durante o dia, lhe serve de caixinha ás suas agulhas de *tricot*.

Um dia, poz em grande anciedade todo o pessoal da casa de banhos da rua de Roma, descendo pelo buraco da banheira a tomar o seu *coupé*, que a esperava á porta do estabelecimento.

No physico Mlle. Sarah Bernhardt é uma mulher graciosissima, de olhos humidos e andar ondulante. Os cabellos, sempre emmaranhados; não porque d'elles não cuide, mas porque sempre que tenta pentear-se não o pôde conseguir: todo o seu corpo passa, a cada penteada, entre os dentes do pente.

Em horas de lazer entrega-se á esculptura; mas tem um desespero: *ne pouvoir se faire un médaillon en relief.*

Tem o espirito agudo; tanto como os cotovellos.

Talento sóbrio e fino, ella evita, como se tivesse fogo nas saias, os actores *qui brûlent les planches.*

Modestissima — o successo não a engrossa.

Ses effets au theatre ont une grande ampleur; mais, pour la ville, elle en a de beaucoup plus étroits.

Son rêve est d'être, en soir d'émeute arrêtée par erreur et élargie le lendemain.

Outubro—1881.

NOTICIA COMPLEMENTAR

(DATAS A PREENCHER)

Mlle. S. B. volta á França em 18... e reata a serie de seus triumphos. Um jornal annuncia a 18... o seguinte: «*Mlle. Montiland part en Turquie et Mlle. Sarah Bernhardt en Grèce.*» Ninguém acredita.—A 18... descendo as escadas, deixa cair sobre ellas um punhado de nozes seccas. Chegando em baixo encontra a sua porteira assustada, e que lhe pergunta: «*Ah! mon Dieu! Mlle! Vous êtes vous fait mal!*» A pobre porteira pensou ter ouvido um ruído de ossos, quebrando-se. — Finalmente, morre, em 19... estrangulada por uma *ouvreuse* do *Vaudeville*, que, tendo-a confundido com a sombrinha que ella levava, deu o cartão do numero á sombrinha e suspendeu Sarah Bernhardt, pelo pescoço, a um dos cabides do vestibulo.

TOUCHATOUT.

A comédia é a arte de fazer rir com orthographia: *O vaudeville* é a arte de fazer rir sem orthographia. O drama é a arte de se fazer representar por Sarah Bernhardt.

LABICHE

NO CAPITOLIO

—A V. HUGO—

*Vamos fazer-lhe a estatua! a voz do mundo brada.
Para fazer-lhe o torso, os pés, os braços, o hombro,
E' preciso a montanha, é necessario o assombro.*

*Calculo a sua voz se escuto na explanada
As vozes do tufão colericas e graves
Irem diminuindo até um canto de aves.*

*Para formar a fronte augusta do Poeta
E' preciso reunir a luz que o sol espanta,
Dê que surgiu na terra a geração humana;*

*Mais a curva d'um astro e mais a linha recta
Que, de certo, traçou nos páramos azues
A palavra de Deus ao dizer:— fiat lux.*

*E' possível assim esculpturar-lhe o craneo:
Tanta constellação o fulgura e reveste
Que para o mundo da Arte é a abobada celeste.*

*E aquella bocca rubra onde o bater titaneo,
Da Idéa— a martellar sobre a bigorna ardente,
Faz saltar comburida a fagulha candente.*

*Será de bronze? o bronze é todavia escasso!..
Mas elle surgirá do cahos, dos cataclismos,
Como os mundos que vêm da forja dos abyssos.*

*Ninguém sabe senão que elle encherá o espaço.
Quando a pupilla aclára os cantos do Universo
Co'a asperesa da luz e a penumbra d'um berço.*

*Cresce como a treva da tempo cresce um mytho...
'Stando á frente do sol, sob seus raios louros,
A sombra irá enchenda os seculos rindouros.*

*E a grande monumento erguido no infinito
Terá por pedestal a Terra ajoelhada.
A estatua ja está feita! a voz do mundo brada.*

*Na grande combustão da natureza inculta
E' que o supremo herde sae feito da fornalha
Pela revolução ou por uma batalha.*

*Elle caminha, sae, cresce, recresce, avulta,
Vára o céu e o penetra, a immensidade arrasa...
Pois contra o espaço existe uma só cousa: uma aza.*

*1 atada estrofe eu vi cantanda como um sino,
Que plangia no alto e rinha das alturas
Parc alcançar melhor as gerações futuras.*

*Ella trazia na aza o pollen peregrino
Rompendo as multidões, aquelle pollen que ha-de
Fecundar no futuro a flor da Liberdade.*

*E elle— o grande— de pé, austero, emocionado,
Estendia no espaço ajá tremula e mansa
Mão que era uma ponte entre o crime e a esperança.*

*No seo colossal do futuro assombrado
Ha-de sulcar a historia o luminoso ciuto
Circumscrevendo a luz d'esse vulcão extinto.*

Maio—85.

JOÃO RIBEIRO

ENFERMIDADES ESTYLISTICAS (1)

SUMMARY.—Os d'espóios de V. Hugo—Antropomorphismo litterario; hypertropia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.—Desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; esbatimento exaggerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguaagem.— Causas — Zola e Ricbepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.—Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

Voltaire, que apezar de muito fecundo,—muito gaulez, usou de um estylo perfeitamente sóbrio; censurando o premio de amplificação que se costumava dar nos collegios de França, disse uma vez que esse uso não tinha por outro fim se não ensinar a arte de ser diffuso, quando o que se deveria ensinar era a condensar o pensamento e a tornar a phrase forte e energica.

Ninguém estragou mais a amplificação do que V. Hugo. Em grande parte se pode explicar esse vicio pelo gosto immoderado que se apoderou d'este artista pelo estylo biblico.

O genio semita no poema de Job, nas lamentações de Jeremias, nas propheticas de Isaias tinha o seu caminho traçado e deixava-se impulsionar por umas certas exaggerações espontaneamente nascidas da situação do povo hebreu e da indole da lingua que se falava no deserto. As manifestações estylisticas, d'este povo porém, transplantadas para o francez e por um poeta egual ao dos *Chatiments* não devia produzir senão a inchação. Faltava-lhe o essencial, a dynamica de um sentimento correspondente.

Diz Renan (*Origem da linguaagem* p.191), que a lingua hebraica, por ser um idioma «que pintava os objectos por

Vide ns. 65, 67 e 69 d'A Semana.

suas qualidades sensíveis, quasi destituido de syntaxe, sem construcção, privado d'essas conjunções variadas que estabelecem entre os membros do pensamento as relações mais delicadas, tornava-se eminentemente propria para as *energicas declamações* dos Videntes e para a pintura de impressões fugitivas; mas era impossivel a toda especulação philosophica. D'ahi a conclusão de que seria tão difficil obter um Aristoteles ou um Kant com semelhante instrumento, como conceber um poema de Job escripto nas nossas linguas metaphisicas e reflectidas.»

«As linguas semiticas, diz ainda o mesmo escriptor, são além d'isto sem perspectiva, não soffrem agudezas, não tem meias tintas ou claro-escuros, e desconhecem esses longos espiraes de phrases (*circuitus, comprehensio*, como os denominava Cicero) dentro dos quaes os gregos e os latinos reuniam com tamanha arte os multiplos detalhes de um só pensamento.»

«Fazendo succederem-se umas a outras proposições, empregando como unico artificio a simples copulativa — e —, que era o segredo do periodo e supria todas as mais conjunções, os semitas desconheciam quasi a arte de subordinar os membros da phrase, sem inversões, não conheciam outro processo senão o da juxtaposição das ideias, ao modo da pintura bysantina.»

Ora, de posse de uma lingua assim organizada e vivendo sob o clima das regiões da Arabia ou do Egypto, profugos e batidos na vastidão monotona do deserto, o hebreu para cuja concentração de ideias tudo concorria desde a religião até as mais insignificantes circumstancias da vida exterior, o hebreu devia ser o amplificador por excellencia.

Quando se tem uma ideia fixa o unico processo litterario possivel é a repetição da imagem com maior intensidade. Figure-se uma corda a vibrar sem interrupção augmentando sempre e sempre o diapason, e ter-se-a esse processo.

O sentimento monosthetico do semita no deserto; a sua condição excepcional, não só de raça como de povo, permitia perfeitamente essa tensão desesperada, sem romper-se a corda, nem nullificar-se a impressão de quem lê o poema biblico.

E' assim que desde o «Nú sahi do ventre de minhamae e nú tornarei para lá», o livro de Job é um crescendo horrivel de desesperações e tentações a contrastarem com a paciencia do homem cheio de Deus e para elle voltado, e que só acaba deante do semblante d'aquelle que «todo o alto vê, que é o Rei de todos os filhos da soberba, de baixo de cujas pegadas brillará a luz e que reputará o abysmo como cheio de cans».

Veja-se agora o que podia resultar d'este processo transportado para outro scenario por um genio fertil, pujante, imaginoso como o de V. Hugo.

O resultado seriam aquelles interminaveis capitulos dos *Miseraveis* visando um unico effeito final e os ainda mais interminaveis do *Homem que ri*, no fim dos quaes se encontra uma surpresa — *Gwinplaine*, isto é um livro torturando-se a cada palavra, a cada pagina, a cada capitulo, perdendo a complexidade natural do assumpto, para condensar-se numa figura obsedante.

E' preciso concordar que um facto d'esta ordem num artista de nota não se pode explicar senão por uma equivocação de intuitos. A natureza humana não permite essas congeries despropositadas, e a imaginação, sentindo-se fatigada, a todo o instante tenta libertar-se de um tamanho peso, procurando

novos horisontes, aspectos differentes, contrastes, porém multiplos e variados, mesmo porque é da comparação que surge a fecundidade da propria intelligencia.

Quando o leitor acha-se por esse modo gasto e extenuado o poeta passa a tomar um tom emphatico; e a emphase é o suicidio do estylo, o symptoma mais evidente de que as relações psychicas entre um e outro estão inteiramente cortadas, isto é, que o artista tem perdido o ponto de vista necessario para a produção dos effeitos que visa, e portanto deixado de falar a lingua unica pela qual se deve fazer comprehender.

Não é este um phenomeno que tenha passado despercebido aos rhetoricos da antiguidade, e vemos que Longino, no seu tratado do *Sublime*, reparando a grande tendencia que os oradores gregos tinham para essa insobriedade, estabeleceu uma distincção entre o sublime e a amplificação, que andava muito confundida pelas escolas, e fez reconhecer que uma representa para o outro o mesmo papel que a alma para o corpo.

A amplificação, ensinavam os escriptores d'aquelle tempo, é um discurso, pelo qual sedá grandeza ao assumpto de que se trata. Longino contestava, e com razão, esse preceito, declarando que nem a multiplicidade, nem a grandeza inculcada, conseguia dar elevação a aquillo que de si mesmo não a tinha.

Assim, portanto, o poeta ou orador que não possuia na occasião o calor natural e apropriado ao seu auditorio tentava embalde encolerisar-se, *mudar de cor o gesto*, porque, não correspondendo esses artificios a um estado de consciencia reciproco, não podiam, como bem diria um philosopho moderno, provocar as associações de ideias indispensaveis ao phenomeno da esthesia.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

SPORT

Realizaram-se com bastante concurrencia no domingo passado as corridas do *Derby-Club*. O programma, que em geral era bom, foi perfeitamente preenchido com animaes superiores, que deviam ter experimentado as suas forças, se alguns d'elles não tivessem declarado *forfait*, o que tornou um pouco fraco o programma e sem o devido valor muitos pareos.

A distincta directoria, para evitar que as corridas terminassem sempre muito tarde, adoptou uma medida muito regular, marcando tempo determinado para cada intervallo de um pareo a outro e d'esse modo estabeleceu a boa ordem, terminando o divertimento mais cedo.

Eis o resultado.

No 1º pareo (1600 metros) correram *Eolo, Aurelia, Americana e Sibylla* que facilmente, em 112 segundos, venceu os seus competidores, seguida por *Aurelia*; em 3º chegou *Americana*. *Eolo* na bagagem.

No 2º pareo (1450 metros) dos animaes inscriptos, apenas correram *Gladiator e Phrynia* que em 94 segundos e no freio bateu o seu competidor. Não correram *Bolivar, Scylla e Satan—ex Neva*. Nada influiu a falta d'este, visto ser um grande bacamarte e animal defeituoso das mãos.

No 3º pareo (1450 metros) sahiu vencedora *Diva* em 100 segundos, com alguma facilidade. *Druid* fez regular cor-

rida e teve o 2º lugar; *Dora* teve o 3º *Regina* o 4º e *Catana* a bagagem.

No 4º pareo (1609 metros) bateram-se renhidamente *Sylvia e Boreas* que em 106 segundos conseguiu bater a sua terrivel adversaria em tiro de milha. *Electrica* ficou distanciada.

No 5º pareo (1609 metros) sahiu victorioso *Coupon*, em 108 segundos, perdendo *Gaudriole* apenas por cabeça. *Madama* em 3º. *Gazida* não correu.

No 6º pareo (1750 metros) correram somente *Nana, Charybdes e Contesse d'Olomne*, que com toda a facilidade sahiu victoriosa em 119 segundos, seguida por *Charybdes* que fez uma brilhante corrida neste tiro. *Talisman* não correu. *Nana* teve o 3º lugar. *Icaria* falleceu na vespera.

O ultimo pareo (1450 metros) foi ganho inesperadamente por *Bonita*, em 101 segundos, chegando em 2º *Americana*; em 3º *Alteza*. Tambem correram *Ivon, Zaire, Italia e Biscaia*.

Com um programma regular, realiza amanhã o *Prado Villa Isabel* mais uma corrida. O conjunto do programma é de animar os dilettantis d'este divertimento.

Chamamos a atenção para a nossa ultima pagina, onde se acha elle impresso.

Estudem, pensem e tenham bons palpites.

L. M. BASTOS

THEATROS

O Sr. Ferrari, um dos emprezarios benemeritos, deu-nos terça-feira a primeira exhibição do *Excelsior*, o famoso bailado de Manzotti, que o publico fluminense tanto applaudo ha tres annos.

O *Excelsior* d'agora parece-nos mais brilhante, ou porque realmente o seja, ou porque o tempo tenha apagado na nossa memoria os esplendores do passado.

Dizem-nos pessoas que têm visto na Europa os varios bailados modernos, que nenhum é comparavel ao *Excelsior* em brillantismo e em concepção.

E assim deve ser. A concepção do *Excelsior* é grandiosa. Estão ali representadas em danças, em scenas mimicas e em scenarios as mais notaveis conquistas da civilisação.

A musica, menos bella que a do *Brahma*, é comtudo mais ruidosa, mais estrepitante, de estylo mais largo, ainda que menos melodioso.

O desenvolvimento do seu bellissimo entrecho dá margem aos mais complicados movimentos coreographicos e ás mais bellas combinações de cores e de linhas.

Estreiou o Sr. A. Bonesi, que é um bailarino de primeira ordem, muito moço, extraordinariamente nervoso e rapido em todos os seus movimentos.

Executou um rodopio vertiginoso, de corpo inclinado, de uma maneira admiravel. O publico, entusiasmado, fel-o bisar este passo arriscadissimo e applaudo-o estrondosamente.

Limido Giovanini é uma bailarina maravilhosa!

A execução da sua parte no *Excelsior* é simplesmente inadjectivavel. O nosso publico nunca vio e nunca esperou ver tanta graça juncta a tamanha perfeição! E' positivamente sylphidica, aérea e vaporosa, a Giovanini! No passo a dois, no segundo acto, elle corre todo o tablado, serpenteando nas pontas dos pés e inclinando ligeira e graciosa-

mente o dorso para traz, num passo miudinho e tremulo, de um effeito arrebatador. Giovanini é um assombro de correcção, de elegancia e de graça.

O publico fez-lhe, com toda a justiça, uma verdadeira ovação, uma ovação estrepitosa, como ha muito tempo se não via nos nossos theatros.

A concorrência foi grande e é de esperar, á vista do entusiasmo do publico, que o *Excelsior* se demore muito tempo em scena. E' o que desejamos ao Sr. Ferrari, que bem merece resarcir com o *Excelsior* os prejuizos das operas buffas.

Tivemos no Recreio a primeira d'A filha do mar. A peça é já conhecida do publico e bastará dizer que, no seu genero, é uma das mais bem feitas e que maior margem offerecem para effeitos scenicos e dramaticos.

Estreiou o actor Eugenio de Magalhães, ha muito tempo afastado do nosso publico que o applaudo ruidosamente, e com justiça, pois que no papel de Conde de Rosberg tem este bom artista um dos seus trabalhos mais correctos. Foi uma boa acquisição que fez o Sr. Dias Braga, pois agora poderá remontar o antigo repertorio da empresa, que, por falta de um bom galan, estava um tanto abandonado.

Dias Braga fez muito bem o seu papel de capitão do baleeiro e o Sr. Maia satisfaz no sympathico papel do piloto Pedro.

A Sra. Helena foi uma magnifica Luiza e a Sra. Leolinda uma soberba e altiva Condessa de Ipsal. Ambas distinctas nos seus papeis.

A Sra. Balbina fez o que poude no papel da Velha Marqueza; melhor seria se podesse fazer-se mais velha e mais doente.

Rangel e Domingos... regularmente, embora este falseasse um pouco o seu typo no primeiro acto, levando-o para o lado comico.

Os scenarios são muito bons, cabendo menção especial ao navio armado e completo, com amurada de frente, do terceiro acto, que faz um bellissimo effeito. A aurora boreal com que termina este acto é bellissima e honra o amestrado pincel do Sr. Coliva. Muito bons tambem os dois scenarios do ultimo acto.

A peça agradou extraordinariamente, e pela concorrência que tem tido, é provavel que seja por muito tempo um successo de bilheteria.

Foi contractada neste theatro a actriz Maria Augusta, que fez parte da extincta companhia Manzoni.

No Lucinda, a companhia Furtado Coelho representou com successo a *Fédora* e deu-nos a primeira do *Mestre de Forjas*, o conhecido drama de Ohnet.

A companhia parte na proxima semana para o norte.

Les princes s'en vont! Morreu o Principe Imperial... Descancem os Srs. monarchistas: do Principe apenas appareceu o nome. O theatro lá está no mesmo logar e chama-se agora — *Eden Fluminense*.

Pois naquella Eden está uma companhia de variedades, dirigida pelo projecto actor Flavio Waudeck, que toda as noites representa comedias, operetas, vaudevilles, cançonetas, o diabo a quatro!

A actriz-cantora Placida tem leito um furor diabolico com umas cançonetas francezas levadinhas da breca.

Na quarta-feira, 26, o *Cotopari* trouxe-nos a grande Sarah Bernhardt. Foi uma multidão enorme de curiosos, de jornalistas e de actores ao desembarque da extraordinaria actriz franceza, cujo nome nos ultimos quinze annos as cem tubas da fama têm apregoado ao mundo.

Deve estreiar na proxima semana, no S. Pedro, com a *Fédora*, de Sardou.

O Ciacchi está radiante e orgulhoso por ter conseguido trazer ao Brazil a primeira actriz actual da Europa.

E a Sarah sorprende-nos agradavelmente: não é tal feia, nem velha, nem magra, como a *blague* franceza nos fazia crer.

Não vá agora o leitor pensar que ella se parece com a Sra. Henry ou com a Sra. Isabel Porto. Sabem com quem ella se parece? E' com a Sr. Helena Cavalier.

Ou então, se estamos enganados, é a Sra. Cavalier que se parece com ella.

A companhia de opera buffa, do Sr. Ferrari, por causa das exhibições do *Excelsior* foi traballiar agora no Polytheama. Estreiou neste theatro quinta feira, com a opera *Papá Martin*, de Cagnoni, que foi muito bem cantada por Tescher, Luttichau, Carbonetti, Emiliani, Reinaldi e Reggioni.

O libreto d'esta opera, de acção toda dramatica, é extrahido de um velho drama francez, do qual Cesar de Lacerda extrahio tambem o *Trabalho e Honra*.

A musica é boa e agradou muito.

Agora esperemos pacientemente que terminem os ensaios da *Donzella Theodora*, para admirarmos a bella partitura de Abdon Milanez.

CINIRA POLONIO

Estreiou-se na noite de 25, no theatro Sant'Anna, na *Canção de Fortunio*, a deliciosa opereta em um acto, para a qual Offenbach escreveu a sua mais delicada e mimosa musica. Agradou geralmente a nossa gentil patricia, que durante cinco annos esteve em Pariz.

Sua voz é pouco volumosa, mas suave e afinadissima, muito educada, cantando com rigorosa correcção. Principalmente na celebre canção: «Esta mulher, por quem me atrevo a suspirar...» que foi cantada com inexcédível mimo e extrema doçura, foi a estreiante ruidosamente applaudida. Teve numerosas chamadas e applausos entusiasticos.

O publico sahio satisfeito do theatro; quer dizer: — nessa noite o Heller devia ter entrado satisfeito em casa.

Parabens á empresa do Sant'Anna pela acquisição de Cinira Polonio.

Fora injustiça não dizer que a Sra. Delmary cantou e disse a sua parte com muita graça e correcção, que o Sr. Lisboa foi um bom Fortunio e Mattos um engraçado Friquet.

O Heller está dando a ultima demão á *Corça do bosque (La biche au bois)* Será desempenhado pela Sra. Dolores Phebo o papel da protagonista.

Vimos uma noite d'estas o Jacintho a ensaiar um dos bailados o com tal geito que não nos admirariamos se o Ferrari o houvesse contractado para ensaiar o *Excelsior*.

Grandes deslumbramentos e enormes risadas se preparam ao publico no novo arranjo do Garrido. *Venga pues!*

Tivemos o prazer da visita da distinctissima actriz Celestina de Paladini Andô, que nos trouxe a agradável surpresa de uma carta de seu marido, o eminente artista dramatico Flavio Andô.

E' provavel que a Sra. Palalini se contracte na empreza do theatro Recreio Dramatico, que terá assim feito uma acquisição magnifica para o seu elenco.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

Esplendidas as ultimas corridas realizadas pelo Club Olympico Guanabarense. Dia formosissimo, grande concorrência e muita animação em todos os pareos, que foram brilhantemente disputados pelos distinctos amadores que tomaram parte nessa diversão.

A digna directoria, como sempre, foi incansavel em amabilidades para com os seus convidados, fazendo com que em todo o divertimento reinasse a mais franca alegria.

Parabens pelo resultado das corridas.

Acha-se aberta até o dia 31 do corrente na photographia do Sr. Pacheco uma exposição de quadros do Sr. Antonio Parreiras, um joven pintor de muito talento.

Convidamos o leitor a visitá-la.

RECEBEMOS

— *Le printemps*, 21^o anno, n. 9—(correspondente a 1 de junho, futuro) com esplendidos figurinos das ultimas modas parisienses. *La revue bleue*, ns. 18 e 19 do 6^o anno, correspondentes a 1 e 8 do corrente; no ultimo dos quaes se lê um artigo de Léo Quesnel sobre o *Curso de Litteratura*, de Theophilo Braga, artigo muito honroso para o sabio escriptor portuguez.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Cafe Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a espectiva taboleta— annuncio.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA SETIMA CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 30 DE MAIO DE 1886

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CONCILIAÇÃO—1.000 metros—Animas de menos de meio sangue, que ainda não tenham ganho esta distancia—Premios: 200\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Didi</i>	Pampa.....	3 annos	S. Paulo....	49 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	<i>Verbena</i>	Castanho ...	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	<i>Fustinho</i>	Ruço.....	5 »	Minas Geraes	55 »	Grénat e boné azul.....	A. P.
4	<i>Serodio</i>	Castanho ...	5 »	R. G. do Sul.	55 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
5	<i>Pampeiro</i>	Idem.....	2 »	Idem.....	45 »	Verde e ouro.....	J. A. Silva.
6	<i>Tufão</i>	Idem.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Preto e encarnado.....	M. J. de Andrade.
7	<i>Zizania</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
8	<i>Guacho</i>	Chita.....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto, branco e encarnado.	A. M.
9	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	50 »	Grénat e manchas azues...	F. Vaz.

Segundo pareo—PRODUCTOS—1.000 metros—Potros e potranças nacionaes de 2 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Judia</i>	Tordilho....	2 annos	Paraná.....	44 kilos	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
2	<i>Pip</i>	Pampa.....	2 »	S. Paulo....	45 »	Azul e branco.....	B. V.
3	<i>Hyppomenes</i>	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	45 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
4	<i>Feiticeira</i>	Idem.....	2 »	Idem.....	44 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
5	<i>Plutão II</i>	Douradilho..	2 »	S. Paulo....	45 »	Encarnado e preto.....	M. da C. Lima.

Terceiro pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 annos	S. Paulo....	46 kilos	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	<i>Catana</i>	Douradilho..	3 »	Idem.....	46 »	Geranium e ouro.....	J. W.
3	<i>Ivon</i>	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Preto branco e encarnado..	C. P.
4	<i>Regina</i>	Castanho ...	3 »	S. Paulo....	46 »	Azul e branco.....	F. G.
5	<i>Araby</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
6	<i>Italia</i>	Douradilho..	3 »	S. Paulo....	46 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.

Quarto pareo—SUBURBANO—1609 metros—Animas de todos os paizes—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro,

1	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	54 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. & Lopes.
2	<i>Malstron</i>	Castanho....	3 »	Inglaterra...	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Satan (ex-Néva)</i>	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Cheapside</i>	Idem.....	3 »	Inglaterra....	49 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
5	<i>Coupon</i>	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro,

Quinto pareo—EXPERIENCIA—1.000 metros—Animas estrangeiros, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Norma</i>	Zaino.....	3 annos	Inglaterra ..	52 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.
2	<i>Diana</i>	Alazão.....	3 »	França.....	52 »	Grénat e bonet ouro.....	Coud. Luzo-Platense
3	<i>Dr. Jenner</i>	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	51 »	Grénat e ouro.....	Idem idem.
4	<i>Pansy</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
5	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	<i>Martin</i>	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
7	<i>Africana</i>	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Azul e branco.....	O. L. C.

Sexto pareo—ANIMAÇÃO—1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue.—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro,

1	<i>Aymoré</i>	Castanho....	6 annos	S. Paulo....	55 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Bonita</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
4	<i>Mandarim</i>	Rosilho.....	3 »	Idem.....	48 »	Grénat e manchas azues....	Coud. Paraizo.
5	<i>Intima</i>	Castanho ...	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	D. A.
6	<i>Savana</i>	Idem.....	4 »	R. G. do Sul..	49 »	Grénat e rosa.....	F. G.

Setimo pareo—VILLA ISABEL—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro,

1	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 annos	S. Paulo....	58 kilos	Cinzento.....	A. C.
2	<i>Bonita</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
3	<i>Biscaia</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo....	56 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	Coudelaria Paulista.
7	<i>Mascote</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	54 »	Encarnado e ouro.....	D. A.

OBSERVAÇÕES.—Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serão excluidos os animas inscriptos no primeiro pareo, que as 11 horas precisas não estiverem no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,